

**"In hoc signo..."**

Isabel de Barros DIAS  
(Universidade Aberta)

Qualquer narrativa fundacional procura, naturalmente, congregar a maior quantidade possível de elementos que contribuam para o sucesso do discurso legitimador que veicula. Por isso, torna-se natural a recorrência de motivos e de procedimentos retóricos eficientes, em textos que relatam a vida e os feitos dos mais diversos heróis. As narrativas sobre o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, não fogem a esta regra. No entanto, podemos considerar de particular interesse, neste caso concreto, o facto de se tratar de relatos que, ainda no período medieval, nos chegaram em múltiplos testemunhos cujas alterações sucessivas permitem verificar uma evidente evolução onde contributos novos se vão congregando na construção de uma figura que se quer heróica.

Ao relato lacónico e essencialmente factual transmitido pelo arcebispo de Toledo<sup>1</sup> e reproduzido no texto editado por Menéndez Pidal<sup>2</sup>, outras crónicas começaram a acrescentar dados novos. É o caso da *Traduccion Gallega* que, transmitindo um texto frugal, idêntico aos anteriormente referidos<sup>3</sup>, não deixa de lhe modificar o sentido, assumindo um tom pró-português<sup>4</sup>.

Já a *Crónica de Veinte Reyes* apresenta um texto mais desenvolvido do que o das anteriores, anexando as narrativas sobre os primeiros anos de Afonso Henriques e sobre a sua posição de força relativamente ao clero. São, no entanto, minorados os relatos onde Afonso Henriques se impõe face ao primo, o Imperador Afonso VII. Apesar de ser mantida a referência à batalha de Arcos de Valdevez, onde o poder de Castela, Leão, Aragão e Galiza é vencido pelo rei português, é omitida a narrativa da subsequente tentativa de vingança por parte do Imperador que vem cercar o primo em Guimarães, sendo aí convencido por Egas Moniz a levantar o cerco.

Muito semelhantes ao anterior são os relatos veiculados no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*<sup>5</sup> e na *IV Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra*<sup>6</sup>. Estes três textos distinguem-se pelo facto de darem ao aio de Afonso Henriques o nome de Sueiro Mendes, e não Egas Moniz<sup>7</sup>. O relato do *Livro de Linhagens* é o que apresenta a narrativa mais resumida<sup>8</sup>. A *IV Crónica Breve* acrescenta o relato dos milagres que rodearam a tomada de Santarém por Afonso Henriques e a subsequente construção do mosteiro de Alcobaça, oferecido a S. Bernardo, abade de Claraval e intermediário do favor divino que bafejou a referida conquista<sup>9</sup>.

As narrativas mais desenvolvidas surgem na *III Crónica Breve de Santa Cruz de Coimbra* e na segunda redacção da *Crónica de 1344*. A marcada semelhança entre os dois textos indicia que o primeiro é provavelmente um fragmento de um exemplar do segundo<sup>10</sup>. Estes testemunhos veiculam os elementos presentes nas outras versões mas, regra geral, um pouco mais desenvolvidos e empolados. Para além disso, são ainda integradas as cenas do cerco de Guimarães por Afonso VII, o seu "desvio" por Egas Moniz e o subsequente pedido de desculpas formal do aio, bem como a narrativa mais desenvolvida da vitória na batalha de Ourique, momento em que Afonso Henriques se assume, definitivamente, como rei de Portugal<sup>11</sup>. Infelizmente, não nos é possível saber como seria o texto da primeira versão da *Crónica de 1344*, porque o ms. mais completo acaba truncado, imediatamente antes de dar início a este trecho<sup>12</sup>.

Os testemunhos seguintes, como a *Crónica de 1419* e a *Crónica de D. Afonso Henriques*, habitualmente atribuída a Duarte Galvão (1445- 1517), podem ser já considerados como

representantes de uma fase madura e consolidada da lenda. Com efeito, os constituintes que vemos agruparem-se paulatinamente ao longo dos textos anteriores surgem aqui de forma extensa, retoricamente dramatizados e amplificados e, em particular no caso da crónica atribuída a Duarte Galvão, alguns episódios menos convencionais são objecto de discursos justificativos e desculpabilizantes, fruto já de uma reflexão e de um posicionamento crítico relativamente ao relato veiculado.

No que se refere aos testemunhos mais antigos, José Mattoso distingue três tradições diferentes que convergem no conjunto de lendas que rodeiam a figura de Afonso Henriques. As três imagens apontadas são associadas a outros tantos meios sociais: o religioso (de Coimbra), o dos cavaleiros companheiros de armas de Afonso Henriques (igualmente de Coimbra) e o da velha nobreza senhorial nortenha<sup>13</sup>.

Também Luís Filipe Lindley Cintra já verificara o processo de agregação de narrativas de fontes díspares nas crónicas dos sécs. XIII a XV<sup>14</sup>, salientando, em particular nos testemunhos menos antigos, a introdução de tópicos e de episódios com uma semelhança patente com os que já integravam as narrativas sobre o congénere castelhano de Afonso Henriques, o conde Fernán González<sup>15</sup>. Mais recentemente, foi ainda defendido que as duas narrativas poderão simplesmente ter ido beber ao fundo comum épico-romanesco em que mergulham as suas raízes<sup>16</sup>.

Tendo em consideração, tanto o conjunto textual identificado, como o quadro crítico esboçado, o presente estudo debruça-se sobre três momentos específicos da(s) lenda(s) sobre Afonso Henriques que têm em comum a particularidade não só de veicularem a descrição como também de procederem à explicação do significado de alguns "signos" visuais:

- 1) a composição das armas de Afonso Henriques, após a batalha de Ourique<sup>17</sup>;
- 2) a cena da exibição das cicatrizes no episódio do "Bispo Negro"<sup>18</sup>;
- 3) a exegese de alguns "sinais" nos testemunhos mais recentes<sup>19</sup>.

A articulação entre a linguagem escrita e a linguagem icónica constitui uma estratégia amplamente usada e a que têm sido dadas designações como *hypotyposis* ou *ecphrasis*, consoante os casos, sempre que a descrição é suficientemente sugestiva, nomeadamente, para se substituir à visualização.

Os excertos que aqui isolamos procuram provocar imagens impressionantes que, em consequência, dificilmente se esqueçam. O sucesso deste tipo de procedimentos retóricos assenta, também, na sobreposição de elementos distintos que convergem para um mesmo significado. Com efeito, se nos manuscritos iluminados é frequente as miniaturas assumirem uma função de eco ou de *mise en abîme* da narrativa veiculada pelo texto que ilustram<sup>20</sup>, nas situações apontadas, a descrição textual (que estimula a visão, no caso do leitor, mas igualmente a audição, graças à possibilidade da sua transmissão em voz alta) sugere a visualização mental de cenas ou de objectos concretos. Os elementos descritos, por seu turno, aqui denominados "signos", remetem para uma outra leitura, simbólica, cuja descodificação é igualmente fornecida pelo texto. Acresce ainda, nos casos concretos em análise, o facto de termos diversos testemunhos, de épocas diferentes, das mesmas narrativas, o que nos permite ajuizar sobre o(s) processo(s) da sua maior ou menor acentuação.

## 1. Composição das armas de Afonso Henriques após a batalha de Ourique

Tanto o testemunho da *Crónica de Veinte Reyes* / "versão crítica" como o do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* referem a batalha de Arcos de Valdevez e a derrota de Afonso VII, o "Imperador das Espanhas", à qual se segue uma batalha com os mouros "en los campos Derich" (Ruiz Asencio / Herrero Jiménez (transcr.) 1991: 261b) / "nos campos d'Ourique" (Mattoso (ed.) 1980: tit. 7B10). O episódio é relatado brevemente e não é referido qualquer pormenor acontecido antes, durante, ou depois da batalha, exceção feita do facto de a partir de então Afonso Henriques se passar a chamar rei de Portugal.

A cena surge já mais desenvolvida na segunda redacção da *Crónica de 1344*, onde podemos sublinhar o realce que o texto dá à questão da memória / lembrança, o que tanto funciona relativamente ao passado, como, desejavelmente, para o futuro do novo reino:

Mas, ante que entrasse ãna batalha, conta a estoria que os seus que o alçarom por rey. E des entõ se chamou rey de Portugal. E, depois que os reys forõ vêcidos, como dissemos, el rey dom Affonso de Portugal, por memoria daquelle boo aqueecimêto que lhe Deus dera, pos no seu pendom cinco escudos por aquelles cinco reys e poseos em cruz por renêbrança da cruz de Nosso senhor Jhesu Christo. E pos em cada hũa escudo XXX dinheiros por memoria daquelles XXX dinheiros por que Judas vendeo Jhesu Cristo. (Cintra (ed.) 1951-1990 vol. IV: 224-25)

No entanto, é nas semelhantes *Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão e na *Crónica de Portugal de 1419* que a cena atinge o seu auge. Por um lado, temos a descrição do "milagre de Ourique"<sup>21</sup> – um eremita vem anunciar a vitória do dia seguinte e, na sequência das recomendações deste, quando toca a campanha da eremida, Afonso Henriques sai e Deus aparece-lhe:

E, quando veyo ante menhã hũa meya ora, tanjê-se a campam e el-rey sayo-se fora da sua tenda e, asy como ele dise e deu testemunho em sua estoria, vyo Noso Senhor Jhesu Christo em a cruz pela guysa que lh-o irmitom disera e adorou-o com grande ledise e com lagrimas de prazer de seu coração. E, como lhe Noso Senhor desapareço, e ele muy ledo e esforçado veo-se pera sua tenda e feze-se armar (Calado (ed.) 1998: 21)

Por outro lado, o tema das armas é dividido por dois momentos que, em eco, remetem um para o outro. O primeiro refere-se ao Conde D. Henrique:

A cronica d-Espanha conta [...] E, durando o conde dom Reimão, seu tio, na guerra dos mouros com este rei dom Affonso que dito avemos, andava este dom Henrique, seu sobrinho, com elle e trazia todas suas armas brancas sem sinal algum. (Calado (ed.) 1998: 3)

e o segundo já a D. Afonso Henriques, após algumas cenas muito semelhantes a outras que se encontram em distintos textos épicos hispânicos<sup>22</sup> e à elevação do líder a rei<sup>23</sup>:

Estando asy el-rey, por se nembrar da merçe que lhe Deos fizera acreçentou em suas armas synais que fosse demostrados em remembraça das cousas que lhe acontecerom e eso mesmo da merçe que lhe Deus fizera. E pelo aparecimento que lhe Noso Senhor Jhesu Christo apareçera em a ✠ pos sobre as armas bramquas que ele trazia hũa ✠ toda azul e polos cimquoo reys que lhe Deus fizera vemçer departyo a ✠ em cinco escudos e em cada hum escudo meteo trinta dinheyros a reveremçia da morte e payxão de Noso senhor Jhesu Christo, que foy vendido por xxx dinheyros. E os reys que depois vierom, vendo como se não podia meter em cousas

pequenas em que se armas trajem, asy como em maças d-espadas e em outras taes semelhantes cousas que pequenas sejam, puserom em cada hum escudo çinquo dinheiros em aspa e, contando cada hũa careyra da ✠ cada vez com meyo escudo, fizeram xxx dinheiros e asy os trazem aguora quando esta caronica foy começada. (Calado (ed.) 1988: 23-24)

Esta estratégia retórica encontra outros paralelos, nestas mesmas crónicas, caso do pano que o rei Rodrigo descobre na casa de Hércules, que reforça a mensagem pictórica com a legenda escrita<sup>24</sup>. Trata-se, também aqui, de uma construção textual onde planos diferentes reforçam e acentuam uma mesma mensagem, com vista a que a sua leitura não corra o risco de ser ambígua. Para que o signo visual não seja erroneamente interpretado, a explicação verbal vem indicar ou reforçar a sua leitura ortodoxa, ajudando, cumulativamente, a que este atinja a sua máxima eficácia. Um exemplo desta eficácia também pode ser encontrado no texto editado como *Primera Crónica General* onde algumas pinturas, cuja observação, reforçada por um sonho, impulsiona Eneias a cumprir o seu destino heróico (Menéndez Pidal (ed.) 1977 I: 39a).

## 2. Cena da exibição das cicatrizes, no final do episódio do “Bispo Negro”

Este momento não surge no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. A Crónica de Veinte Reyes* / “versão crítica” já relata o episódio, nomeadamente o agreste encontro entre Afonso Henriques e o enviado do Papa e a cena final, quando o cardeal em fuga é violentamente interceptado pelo rei, mas não faz qualquer referência à exibição, por parte do soberano, de quaisquer cicatrizes (Ruiz Asencio / Herrero Jiménez (transcr.) 1991: lv. XII, cap. viii). Porém, a segunda redacção da *Crónica de 1344* já nos apresenta o episódio:

E, depois que el rey e o cardeal ouveron todo seu preyto firmado, e ao tempo que lhe avia de mandar a carta, como ja ouvistes, desvestyosse el rey de suas vestiduras e disse:

– Querovos mostrar, dom cardeal, em como eu som herege.

E entom lhe mostrou todas as feridas que ouvera em seu corpo, dizendo e assignando quantas e quaaes feridas ouvera nas batalhas e quaaes nos combatos e quaaes nas entradas das villas que tomara aos mouros.

– E pera esto levar adiante, disse el rey, vos tomo este aver porque som muy pobre e heyo mester pera mÿ e pera meus fidalgos. (Cintra (ed.) 1951-1990 vol. IV: 229)

A cena não foi objecto de amplificação por parte da *Crónica de 1419*. Para tal terá concorrido o facto do episódio que a integra colidir com a promoção da imagem de Afonso Henriques como um santo cruzado da luta contra os infiéis, imagem para a qual remete a acentuação do contexto de “Guerra Santa”:

E, esto feito, amtes que o cardeal partise, desvestyo el-rey sua capa pele e amostrou-lhe muytos synais de feridas que tinha no corpo e dise: “Cardeal, em como eu sam irege bem se mostra nestes synais destas feridas, as quaes eu ouve com os mouros em tal lide e estas em tal e estas no combate de tal vila que lhe filhey e estas outras em tal, e todo isto em serviço de Deus contra os imiguos da fee. E, pera esto levar diante de vós, filho este aver porque sam mui prove e me fas mister pera mim e pera os meus”. (Calado (ed.) 1988: 31)

Este é um episódio interessantíssimo, sobretudo quando integrado no contexto alargado da tradição tópica da valorização do significado das cicatrizes dos heróis. Entendidas como “escrita

paralela", as cicatrizes valem aqui pela história ou pelo percurso combativo de quem as ostenta. À semelhança de outros casos, onde a expressão plástica completa ou substitui o discurso, o herói "marcado" traz assim, em *abbreviatio* extrema, o seu "livro pessoal", escrito "a ferro e fogo" no próprio corpo e do qual, pelo menos no caso presente, é a própria personagem que assume a chave interpretativa para a leitura correcta das suas "marcas".

### 3. Exegese de alguns sinais nos testemunhos mais recentes (séc. XV)

A interpretação de sinais que surgem nos olivais de Santarém, antes da conquista desta cidade, apresenta uma semelhança notória com cenas da história de Fernán González, apesar de aqui não se verificar a necessidade da intervenção da retórica do líder para realçar uma leitura positiva<sup>25</sup>:

E eles aly vyrom hum milagre e esforsou-lhes mais os corações, convem a saber, hũa estrela grande e ardente como facha, corendo pelo çeeo da parte da estrela, que alumiava a terra e foy ferir no mar. E eles, quando esto virom, disseron todos: "Deos poderoso, noso Senhor, a vila he em nosas mãos". E semelhavelmente os do lugar, naquele dia que lhes el-rey mandou deytar a tregoa, como ja dito he, lhes apareçeo outro synal muy espantoso e que senefiquava que averia mortandade na terra na terçeyra noyte seguymte, ca virom no meyo dia asy como hum touro que ya per meyo do çeeo, que levava como as asas de foguo des o cabo ate à cabeça, pela qual razão os sabedores d-amtre eles profetizarom que Santarem averia çedo rey novo, e emtenderom que seria o ffilho del-rey mouro que era em Sevilha. (Calado (ed.) 1988: 41-42)

Mais uma vez, as imagens e a explanação didáctica da sua exegese. No caso do segundo "sinal", acresce ainda a referência a uma má interpretação que só vem dar mais força e acentuar a justeza da leitura "ortodoxa".

Estamos, assim, perante diversas cenas que convergem para a glorificação do rei fundador de Portugal e que, para isso, recorrem à linguagem verbal como forma de remissão para imagens visuais fortemente codificadas mas de grande eficácia ideológica: aparições milagrosas que anunciam a vitória do líder, marcas físicas inscritas no corpo do guerreiro e os elementos componentes da insígnia real. Estes sinais conjugam as duas linhas fundamentais das tradições guerreira e religiosa, cristã, inclusivamente, as mais antigas, como é o caso da cena da composição das insígnias de Afonso Henriques que ecoa, com inegável nitidez tradições bem arreigadas não só à Reconquista ibérica<sup>26</sup>, como aos primórdios do Cristianismo<sup>27</sup>, como é relatado também na *Estoria de Espanna*:

En el seteno anno, que fue en la era de trezientos et cinquenta et tres, auino assi, segund cuenta Hugo el de Floriaco en el quinto libro de la su estoria, que guiso ell emperador Costantino sus huestes por yr a Roma a lidiar con Maxencio; et en yendo por la carrera pensando mucho en el fecho de la batalla que auie de auer, adormeciosse, et uio en suennos en el cielo la sennal de la cruz que resplandecie a manera de fuego, et uio los angeles quel estauan a derredor et dezienle en el language teutonico: «Costantin, por aquesta uençras tu». E segund cuenta Eusebio en la Ystoria eclesiastica, diz que el oyo yurar a Costantino que medio dia era quandol a el contescio aquello, et que toda la hueste de los caualleros que yuan con el uieron aquella sennal. E el yendo cuydando en aquel fecho que cosa podie seer, uino la noche; et en durmiendo

apareciol el Nuestro Sennor Ihesu Cristo con aquella misma sennal que uiera en el cielo, et mandol que fiziessse su senna daquella sennal, et que uençrie con ella todas las batallas. E desde que ell emperador Costantino fue cierto daquel fecho, et sopo por demostraça del Nuestro Sennor que auie de fazer, tanto que uino el dia, allego todos los clerigos cristianos que auer pudo, et demando les conseio quel fiziessen sabidor de la su creencia. E ellos mostraron le los libros de la elesia, et començaronle a predigar et a proualle lo que dizien por los dichos de los profetas; et desi dixieronle que aquella cruz que el uiera, que era la senna de Nuestro Sennor Ihesu Cristo con que quebrantara los infiernos. E desde Costantino oyo aquello, mando luego pintar aquella sennal de la cruz, que uiera, en la su senna que auie nombre *labaro*, et en todos los pendones et las armas de sus caualleros. E auiendo feuzo en el Nuestro Sennor Ihesu Cristo, fuesse much alegre et a muy grand priessa a lidiar com Maxencio. (Menéndez Pidal (ed.) 1977 I: 182a-b)

O lema de Constantino, o primeiro Imperador cristão, *In hoc signo vinces*, ao ser adoptado, de forma clara ou mais discretamente, por diversos reis cristãos peninsulares em luta contra infiéis, contribuiu, por analogia, para a legitimação dos seus combates. Vemos assim a força e, consequentemente, a importância e o alcance desta estratégia, também integrada nas narrativas fundacionais portuguesas<sup>28</sup>.

Em termos gerais, os procedimentos que aqui isolámos foram bastante recorrentes e tiveram grande sucesso no período medieval. A imagem (seja ela pictórica ou escrita, também esta compreendida como algo de visual) era considerada um caminho privilegiado para a memória<sup>29</sup>. Por seu turno, tanto a linguagem, como as imagens eram entendidas enquanto signos de outras coisas<sup>30</sup>, logo, a serem lidas, de acordo com os seus vários sentidos possíveis, em diferentes profundidades<sup>31</sup>. Os excertos apresentados, consciente ou inconscientemente, jogam com estas questões, usando-as em seu proveito, criando, com golpe de mestre, as bases do imaginário da nação portuguesa. Fundando os seus interesses em correntes ideológicas, culturais e emocionais profundas e bem arreigadas nos espíritos, graças não só a palavras como também, e sobretudo, à visualização de imagens impressionantes, *signa*, capazes de estimular emoções e de se cimentarem nas memórias, os excertos que apresentámos usaram, decididamente, uma estratégia retórica de sucesso garantido, vencedora, "à imagem" da insígnia e do lema de Constantino.

## Notas

<sup>1</sup> Fernández Valverde (ed.) 1987: VII 19 e 23 (cap. 5-6). O Toledano limita-se a referir a genealogia do primeiro rei de Portugal acentuando como o seu pai, o conde D. Henrique, mesmo sendo um guerreiro que agia por conta própria, sempre respeitou os laços vassálicos que o uniam ao sogro (Afonso VI). Quanto a Afonso Henriques, refere que foi o primeiro a usar o título de rei de Portugal sem, no entanto, relatar as circunstâncias que o levaram a tal. Limita-se a citar laconicamente as cidades que conquistou e as obras que fez. No que respeita às fricções com Fernando II de Leão refere, por duas vezes, que o rei português foi preso tendo sido posteriormente solto graças à magnanimidade do seu então ex-genro.

<sup>2</sup> Menéndez Pidal (ed.) 1977 I: 650-52, 672 e 675-76. Saliente-se que esta edição se baseou em dois manuscritos compósitos onde intervieram diversas mãos em épocas distintas. O seu trecho inicial (até ao cap. 616) consiste na “versão régia” afonsina, ou seja, o texto aprovado pelo soberano como “oficial” aquando da redacção da primeira versão da *Estoria de Espanna*. No entanto, para o momento que aqui nos ocupa, o texto destes manuscritos segue a “versão amplificada de 1289” (Fernández-Ordóñez 2000: 243). Cabe ainda referir que, actualmente, a crítica reconhece duas principais versões afonsinas da *Estoria de Espanna*, a “versão primitiva” (cerca de 1270) e a “versão crítica” (cerca 1282-84). A “versão amplificada de 1289” já foi redigida no tempo de Sancho IV – tendo usado como fonte um texto da primeira redacção da *Estoria de Espanna*, reelaborou o período que vai de Ramiro I a Fernando III. Como representante da “versão crítica” (inclusive para o momento que aqui nos ocupa, de acordo com Fernández-Ordóñez 2000: 233), foi usado um texto da denominada *Crónica de Vinte Reis*: Ruiz Asencio e Herrero Jiménez (transcr.) 1991. Posteriormente, as versões da *Estoria de Espanna* foram combinadas das mais variadas formas, abreviadas, ampliadas, adaptadas, traduzidas e entrecruzadas com novas fontes ou com trechos de fontes já usadas mas anteriormente desprezados, dando origem a uma família textual enorme e extremamente complexa. Sobre estas questões ver Catalán 1962, 1992 e 1997. Ver ainda a útil síntese de Fernández-Ordóñez 2000.

<sup>3</sup> Lorenzo (ed.) 1975: 689-91 e 720-22.

<sup>4</sup> Sobre este assunto ver Dias 2003: 215-216.

<sup>5</sup> Mattoso (ed.) 1980: 7B2-13.

<sup>6</sup> “A IVª *Crónica Breve*, conforme o demonstrou Diego Catalán Menéndez Pidal, consiste na cópia de um fragmento da hoje perdida *Crónica Portuguesa de Espanha e Portugal* (a chamada *Crónica Galega* por Cristóvão Rodrigues Acenheiro), um texto de 1341-1342 de que o *Livro das Lembranças* reproduziu a parte relativa à história dos reis de Portugal,” Krus 1993: 194.

<sup>7</sup> Sobre este assunto, ver Cintra 1951 (vol I - Introd.): CCCLXXXIX e Saraiva 1979: 21-27.

<sup>8</sup> Este texto omite os embates entre Afonso Henriques e o clero assim como o desastre de Badajoz.

<sup>9</sup> *IV Crónica Breve* 1856: 30-31. Segundo Saraiva 1979: 91, este trecho estará ligado a tradições clericais distintas de qualquer poema jogralesco sobre Afonso Henriques.

<sup>10</sup> Cintra 1951 (vol I - Introd.): CCCLV-CCCLVI.

<sup>11</sup> Saraiva 1979: 59 e 91 defende que este episódio, que considera como sendo de origem clerical e originalmente sem relação com o poema jogralesco sobre Afonso Henriques, teria sido intercalado precisamente para justificar o título de rei posteriormente atribuído. Sobre o sucesso deste trecho ver Cintra 1989: 64-78.

<sup>12</sup> O penúltimo cap. do ms. 2656 da B.U.S. anuncia, à imagem da *Traduccion Gallega*, que vai contar a história dos reis de Portugal mas deixa então de seguir a *Traduccion Gallega* que, efectivamente, faz aí um resumo da linhagem dos reis de Portugal e das batalhas de Afonso Henriques (semelhante ao texto editado como *Primera Cronica General*). O texto do ms. 2656 salta esses dois caps. e a partir do início do seu último cap. retoma o texto, idêntico ao cap. 474 da *Traduccion Gallega* e ao cap. 702 da segunda redacção da *Crónica de 1344*, terminando de seguida. Torna-se assim muito difícil saber se a história narrada na segunda redacção da *Crónica de 1344* também se encontraria na primeira redacção (nos mesmos moldes ou em moldes diferentes). Por um lado, a omissão dos dois caps., anunciados à semelhança da *Traduccion Gallega*, pode fazer pensar que sim, por outro lado, a grande colagem do texto da primeira redacção da *Crónica de 1344* a uma narrativa semelhante à veiculada pela *Traduccion Gallega* pode fazer suspeitar que não.

Acresce ainda que este lapso narrativo, que consiste em anunciar um acontecimento na sequência de uma fonte para depois não o desenvolver, também não deixa de ser estranho. Com efeito, ou se trata de um notório desleixo por parte do copista ou estaremos talvez face a uma narrativa que se baseou num texto ainda em processo de construção ou que, pelo contrário, estando construído, foi truncado neste ponto.

<sup>13</sup> Mattoso 1992. Sobre as intenções que poderão ter estado subjacentes à formação dos textos ver Mattoso 1985 onde se coloca a hipótese do desenvolvimento das tradições épicas sobre o aio de Afonso Henriques ter sido levado a cabo pelo trovador João Soares Coelho (séc. XIII), membro de uma linhagem bastarda que procurava assim dignificar-se e legitimar-se.

<sup>14</sup> Cintra 1989 fala de uma lenda épica, que poderá remontar a uma canção de gesta (usada directamente ou já por intermédio de uma prosificação), cujo herói seria um D. Afonso Henriques heróico e valente mas rebelde e de uma segunda lenda, de raiz religiosa e monástica (provavelmente com origem no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra) que justificava a independência de Portugal, nomeadamente com a narrativa do “milagre de Ourique”. Considera ainda que as intervenções explicativas de Duarte Galvão resultam precisamente da sua tentativa de harmonizar estas duas imagens de Afonso Henriques (o guerreiro épico e rebelde com o piedoso, escolhido por Deus).

<sup>15</sup> Sobre este assunto ver Cintra 1957: 208-214 que justifica as inovações relativas à “lenda de Ourique”, presentes na *Crónica de 1419*, defendendo que estas se baseiam em relatos da “lenda de Fernão Gonçalves”.

<sup>16</sup> Conforme defende Esteves 1995.

<sup>17</sup> Este momento é considerado por Cintra como parte integrante de uma lenda de origem religiosa: “Sabe-se hoje que a batalha de Ourique é um facto histórico de uma importância bastante grande. O resto é essencialmente lendário e principalmente destinado a explicar simbolicamente a origem das quinas que os reis de Portugal não começaram aliás a usar senão no séc. XIII. É uma lenda evidentemente de natureza completamente diferente da lenda épica de que falei no princípio deste estudo.” (Cintra 1989: 71).

<sup>18</sup> Segundo Saraiva 1979: 66-67, a tradição do “Bispo Negro” foi um elemento anexado posteriormente à gesta de Afonso Henriques. Mattoso 1992: 34-5 associa-a ao ambiente leigo do bando dos cavaleiros de Coimbra que constituíam o núcleo do exército de Afonso Henriques e cujo poder pretendiam exaltar.

<sup>19</sup> Momentos que apresentam nítidas semelhanças com alguns trechos das narrativas sobre Fernán González.

<sup>20</sup> Sobre a eloquência e didactismo das artes em geral ver De Bruyne 1998. Ver ainda o interessante artigo de Corti 1999 que estabelece analogias entre os procedimentos retóricos de determinadas figuras de estilo tradicionalmente ligadas ao discurso verbal e algumas formas de narrativa pictórica.

<sup>21</sup> Sobre a origem e evolução da lenda do milagre de Ourique e suas utilizações políticas legitimatórias, a par de outros elementos ver Tavares (2003).

<sup>22</sup> Caso da presença de mulheres soldado no exército mouro (Calado (ed.) 1998, cap. 13: 18-20) o que também se verifica no *Cantar de Mio Cid*. À semelhança das narrativas sobre Fernán González temos a verbalização de dúvidas por parte dos homens de Afonso Henriques e as palavras de encorajamento por parte do líder, não faltando sequer uma comparação explícita ao combate de Fernán González com Almançor (Calado (ed.) 1998: 18-20 - cap. 13).

<sup>23</sup> Os homens vêm pedir a Afonso Henriques que permita que o façam rei. O líder sublinha o desinteresse e a abnegação do seu esforço guerreiro mas acaba por aceder: “diserom eles, “prazerá a Deos que asy seja, porem mais todavia sera bem que vos alcemos por rey”. E entom ele, vendo-se afimquado muyto deles, dise: “Pois asy he, ffazê como por bem tiverdes”. E entom eses mayores e nobres cavaleyros que hy erom o levantarom por rey, bradando todos com grão prazer e alegrya: “Real, real, por el-rey dom Afonso Amriquez de Portugal!”” (Calado (ed.) 1998: 22).

<sup>24</sup> “E el rey mando la abrir, et non fallaron en ella sinon un panno en que estauan escriptas letras ladinas que dizien assi: que quando aquellas cerraduras fuessen crebantadas et ell arca et el palacio fuessen abiertos et lo que y yazie fuesse visto, que yentes de tal manera como en aquel panno estauan pintadas que entrarien en Espanna et la conqueririen et serien ende sennores. [...] En aquel palacio estauan pintados omnes de caras et de parecer et de manera et de uestido assi como agora andan los alaraues, e tenien sus cabeças cubiertas de tocas, et seyen en cauallos, et los uestidos dellos eran de muchos colores, e tenien en las manos espadas et ballestas et sennas

alçadas. E el rey et los altos omnes fueron mucho esparcidos por aquellas pinturas que uiran.” (Menéndez Pidal (ed.) 1977 I: 307b).

<sup>25</sup> Fernán González explica favoravelmente os fenómenos, aparentemente negativos, que marcam os seus embates contra os mouros, tanto antes da batalha de Lara (um cavaleiro que é engolido pela terra - Menéndez Pidal (ed.) 1977 II: 394b-95a), como antes da batalha de Fazinas (aparição de um dragão alado - Menéndez Pidal (ed.) 1977 II: 402a-b). Também muito semelhantes a trechos da história de Fernán González são as orações de Afonso Henriques e as alocações que faz aos seus homens antes das batalhas.

<sup>26</sup> Menéndez Pidal 1992 refere a origem goda do hábito do rei usar relíquias da Cruz de Cristo em batalhas como forma de assegurar a bênção da vitória, bem como o seu decorrente uso pelos soberanos da Reconquista peninsular: “Y luego, cuando Alfonso el Casto restauró en Oviedo la organización de la corte goda toledana, es necesario sentar que fue un acto ligado a esa restauración muy directamente la fabricación de la estupenda cruz de oro y pedrería donada por el rey al templo ovetense en 808, la cual en sus brazos lleva inscrito el lema del lábaro constantiniano, ampliado en forma de distico, probablemente en tiempos visigodos: *Hoc signo tuetur pius. Hoc signo vincitur inimicus.*” (Menéndez Pidal 1992: 354). Ainda de acordo com o mesmo autor (p. 355), no último decénio do séc. IX, a cruz de Oviedo, continuadora da tradição político-religiosa dos visigodos, transmite o seu patronato bélico à devoção nova de Santiago, ainda que nunca por completo, e um pouco adiante: “Sigue la práctica de Alfonso III, de ofrendar a Santiago la Cruz de la Victoria sobre el enemigo, que era el emblema del reino de León. Durante los siglos X y XI continúa la cruz de Oviedo a modo de escudo de armas que se repite pintado en multitud de códices, una especie de insignia del reino cristiano, alguna vez acompañada del distico *Hoc signo...*, otras veces con un lema político religioso: *signum crucis Christi regis*, o bien expresado en cuatro monosílabos: *pax, lux, lex y rex*. Así unido siempre al recuerdo de los tiempos visigodos, Santiago iba tomando decididamente el carácter de patrono del reino.” (Menéndez Pidal 1992: 368-69).

<sup>27</sup> “primitivos sentimientos cristianos respecto al auxilio celeste en toda guerra y más cuando es contra infieles, auxilio que comenzó a ser simbolizado en la visión de Constantino y en el lábaro provisto del lema *In hoc signo vinces*, insignia atribuida a la primera batalla ganada por los cristianos contra el paganismo.” (Menéndez Pidal 1992: 353).

<sup>28</sup> Também Afonso X exibiu as suas pretensões ao trono do Sacro Império em múltiplas insignias, impressas, seja nos padrões das suas roupagens, seja nas miniaturas que retratam o soberano nas obras que patrocinou ou inspirou e que foram confeccionadas nos seus *scriptoria*. Sobre esta questão ver Menéndez Pidal 2000: 100-102 que estuda a emblemática imperial nas roupas de Afonso X, salientando o facto do manto com que este soberano foi sepultado apresentar um padrão de círculos (emblemática que, de acordo com este autor, teria uma indubitável relação com o Império, para o rei Sábio) quebrado por uma águia bordada no topo, imagens que coincidem com padrões de círculos e águias em miniaturas de obras suas, onde o rei surge representado, verificando-se ainda orlas onde águias suabas alternam com castelos e leões.

<sup>29</sup> A título de exemplo, podemos salientar a técnica mnemónica que se baseia na colocação de *imagines* (figuras visuais) em *loci* (lugares determinados, panos de fundo) – designações cuja aplicação actual, na retórica, ainda permite entrever as suas dimensões anteriores – visando precisamente a criação de imagens mentais impressionantes, permitindo ver internamente figuras. Para aprofundar estas questões, ver Carruthers 1992 e Coleman 1992.

<sup>30</sup> Sobre as teorias semióticas da Antiguidade (e que, em parte, se mantiveram no pensamento medieval), ver Manetti 1996 que salienta a actualidade do pensamento de vários autores mais antigos, relativamente às recentes teorias linguísticas: “However, curiously and significantly, Barthes recalled Charles Sanders Peirce’s idea of the sign (whose definition of sign, taken from *Collected Papers* (2.228), is: “A sign is something which stands to somebody for something in some respect or capacity”), and quoted St. Augustine’s definition of the sign, taken from *De doctrina christiana* (II, 1, 1): *Signum est res, praeter speciem quam ingerit sensibus, aliud aliquid ex se faciens in cogitationem venire.*” (Manetti 1996: 11-12), “If this is the case, St Augustine is making a move which is symmetrical with, but opposite to, Saussure’s: St. Augustine unifies the two theories and the two classes of signs, making non-linguistic signs the model class, whereas in Saussure’s theory the two classes of signs are unified under the model of linguistic sign.” (Manetti 1996, 24) ou “One of the most important points that we can observe having reviewed the history of semiotics from its origins is that there is a continuity between the ancient theories of sign and the contemporary line of cognitive semiotics as represented by Peirce, Morris, and the scholars who are now following their path. On the contrary, there is a profound fracture between the ancient semiotic theories and the Saussurian semiotic line.” (Manetti 1996: 31-32). Para uma reflexão sobre a questão da produção e do reconhecimento de signos, ver Eco 1992.

<sup>31</sup> Enquanto que o sentido literal, ou “histórico”, era considerado como o nível mais simples de leitura e de análise, porque mais conforme à realidade dos acontecimentos narrados, os restantes sentidos já conferem ao discurso outras dimensões. Em termos genéricos, o sentido alegórico, apoiado, regra geral, no método tipológico, procurava estabelecer relações entre as cenas do *Antigo* e do *Novo Testamento*. A finalidade do sentido tropológico era, a partir da realidade visível, descortinar verdades morais superiores. Já o sentido anagógico, indo um pouco mais além, partia, igualmente, da realidade mundana mas que agora era entendida como representação das realidades celestes e da vida futura.

## Referências Bibliográficas

- CALADO, Adelino de Almeida (ed.). 1998. *Crónica de Portugal de 1419*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- CARRUTHERS, Mary. 1992. *The Book of Memory. A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CATALÁN, Diego. 1962. *De Alfonso X al conde de Barcelos*. Madrid: Gredos.
- CATALÁN, Diego. 1992. *La Estoria de España de Alfonso X – creación y evolución*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid.
- CATALÁN, Diego. 1997. *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi – Códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal / Universidad Autónoma de Madrid.
- "Chronicae Breves e Memórias avulsas de S. Cruz de Coimbra". 1856. *Portugaliae Monumenta Historica. Scriptores*. Lisboa: Academia das Ciências: 23-32.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley (ed.). 1951-1990. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: I.N.-C.M.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. 1957. "Sobre a formação e evolução da lenda de Ourique (até à Crónica de 1419)". *Miscelânea de Estudos em Honra do Prof. Hernâni Cidade*. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: 168-215.
- CINTRA, Luís Filipe Lindley. 1989. "A Lenda de Afonso I, Rei de Portugal (origens e evolução)". *ICALP Revista*. nº 16-17: 64-78.
- COLEMAN, Janet. 1992. *Ancient and Medieval Memories. Studies in the reconstruction of the past*. Cambridge / New York / Port Chester / Melbourne / Sydney: Cambridge University Press.
- CORTI, Francisco. 1999. "La guerra en Andalucía: aproximación a la retórica visual de las «Cantigas de Santa María»". MONTOYA MARTÍNEZ, Jesús e DOMÍNGUEZ RODRÍGUEZ, Ana (eds.). *El Scriptorium alfonsi: de los libros de astrología a las «Cantigas de Santa María»*. Madrid: Editorial Complutense: 301-326.
- Crónica de 1344 (1ª redacção) – ms. 2656 da Biblioteca Universitária de Salamanca (microfilme).
- DE BRUYNE, Edgar. 1998. *Études d'Esthétique Médiévale*. Paris: Albin Michel (2 vols).
- DIAS, Isabel de Barros. 2003. *Metamorfoses de Babel. A historiografia ibérica (sécs. XIII-XIV): Construções e estratégias textuais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- ECO, Umberto. 1976. *La Production des Signes*. Paris: Librairie Générale Française.
- ESTEVES, Elisa R. P. Nunes. 1995. "Relações entre as lendas de Fernão Gonçalves e Afonso Henriques". PAREDES, Juan (ed.). *Medioevo y Literatura – Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Granada: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Granada. vol. II: 229-35.
- FERNÁNDEZ VALVERDE, Juan (ed.). 1987. Rodrigo Jiménez de Rada. *Historia de Rebus Hispanie sive Historia Gothica Roderici Ximèni de Rada*. Turnhout: Brepols.
- FERNÁNDEZ-ORDÓÑEZ, Inés. 2000. "La transmisión textual de la "Estoria de España" y de las principales "Crónicas" de ellas derivadas". *Alfonso X el Sabio y las Crónicas de España*. Valladolid: Fundación Santander Central Hispano / Centro para la Edición de los Clásicos Españoles: 219-260.
- GALVÃO, Duarte. 1995. *Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques*. Lisboa: IN-CM.
- KRUS, Luís. 1993. "Crónicas Breves de Santa Cruz". LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (coord.). *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*. Lisboa: Caminho: 194.

- LORENZO, Ramón (ed.). 1975. *La Traducción Gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Orense: Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo".
- MANETTI, Giovanni (ed.). 1996. *Knowledge Through Signs. Ancient Semiotic Theories and Practices*. Bologna: Brepols.
- MATTOSO, José. 1985. "João Soares Coelho e a Gesta de Egas Moniz". *Portugal Medieval – Novas interpretações*. Lisboa: IN-CM: 409-435.
- MATTOSO, José. 1992. "As Três Faces de Afonso Henriques". *Penélope*. nº 8: 25-42.
- MATTOSO, José (ed.). 1980. Pedro Afonso, conde de Barcelos "Livro de Linhagens do Conde D. Pedro". *Portugaliae Monumenta Historica – Nova Série*. Lisboa: Academia das Ciências (2 vols).
- MENÉNDEZ PIDAL, Gonzalo. 2003. "Imagen y entorno de Alfonso X el Sabio. La vida de Alfonso X". *Varia Medievalia II*. Madrid: Real Academia de la Historia: 95-114.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. 1992. CATALÁN, Diego e BUSTOS, María del Mar de (eds). *Obras Completas de R. Menéndez Pidal XIII: La épica Medieval Española. Desde sus orígenes hasta su disolución en el Romancero*. Madrid: Espasa-Calpe.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón (ed.). 1977. *Primera Crónica General de España*. Madrid: Gredos.
- RUIZ ASECIO, José Manuel / HERRERO JIMÉNEZ, Mauricio (transcr.). 1991. *Crónica de Veinte Reyes*. Burgos: Ayuntamiento de Burgos.
- SARAIVA, António José. 1979. *A Épica Medieval Portuguesa*. Lisboa: ICALP.
- TAVARES, Maria José Ferro. 2003. "Milagres, sonhos e profecias na legitimação da independência de Portugal". BUSCHINGER, Danielle, DIAS, Isabel de Barros, BRANCO, Maria João e SEQUEIRA, Rosa (org.). *Discursos de Legitimação – Actas / Discours de Légitimation – Actes*. Lisboa: Universidade Aberta (CD-Rom).